

Editorial 13º Congresso Internacional da Rede UNIDA

Manaus sedia 13º Congresso Internacional da Rede UNIDA

Entrevista com o Prof. Rodrigo Tobias, presidente do Congresso.



No próximo ano, a capital do Amazonas será a sede de mais uma edição do Congresso Internacional da Rede UNIDA, que acontecerá na Universidade Federal do Amazonas (Ufam), no período de 30 de maio à 02 de junho de 2018.

Para organizar a 13ª edição à altura dos outros Congressos, a coordenação da Rede UNIDA criou um Comitê Gestor local, que se reúne semanalmente para planejar e executar as atividades a serem realizadas antes, durante e depois do Congresso.

As inscrições para submissão de trabalhos começam no dia 9 de agosto de 2017 por meio do site da Rede UNIDA. Voltado às áreas da saúde e educação, podem participar do congresso trabalhadores da saúde, usuários do SUS, pesquisadores, estudantes, professores, gestores e representantes de movimentos sociais.

Com o tema central *“Faz escuro, mas*

cantamos: redes em re-existência nos encontros das águas”, o 13º Congresso Internacional da Rede UNIDA será um grande encontro, permeado por compartilhamento de saberes, reflexões-críticas, aprendizados, cultura e arte.

Acompanhe a entrevista com o presidente desta edição do Congresso, Rodrigo Tobias, que falou sobre a organização do evento, os desafios, a construção do tema entre outros assuntos.

Rede UNIDA: Como estão os preparativos para o 13º Congresso Internacional da Rede UNIDA que acontece no primeiro semestre de 2018?

Rodrigo Tobias: Com um ano de antecedência estamos realizando reuniões semanais com uma comissão gestora, bem como determinando metas e organizando tarefas nas comissões. Atualmente, contamos com a presença da Universidade Federal do Amazonas (Ufam) e da Universidade Estadual do Amazonas (UEA), como membros da comissão gestora, juntamente com outras instituições estaduais e municipais na área da Saúde e o Instituto Leônidas & Maria Deane (Fiocruz Amazônia). Paralelamente aos preparativos do congresso, vamos realizar quatro encontros regionais com a comissão nacional da Rede UNIDA, membros parceiros locais e regionais,

secretarias de saúde, movimentos sociais da área da cultura e universidade para colocar as nossas demandas, assim como levantar as pautas da saúde coletiva no Brasil. A programação vai tratar desde assuntos locais a temas que dialogam com o cenário político atual.

R.U.: Quais os desafios em realizar um congresso internacional em Manaus?

R.T.: O fato de que esse grande congresso da área de saúde coletiva e de âmbito internacional ser realizado pela primeira vez na Região Norte já dá uma enorme responsabilidade. Não basta sediar o evento, mas realizar uma diversidade de atividades que façam o diálogo com as diversas formas e práticas de fazer saúde na nossa região. Isso porque a Região Amazônica tem um ambiente bem peculiar, um contexto bem específico de fazer saúde, que guarda em si também a potência de mostrar modos diversos desse fazer para os participantes de outras regiões e países. Então, essas características ou modos têm de ser evidenciados. Portanto, não significa somente trazer o congresso, mas também fazer os diálogos, as conexões com outros temas, com a academia, movimentos sociais e profissionais e gestores da saúde. Nesse contexto de realização de um congresso dessas dimensões, o fator financiamento é outro desafio. Mas, nós entendemos que para a realização do congresso, nesse momento de crise política e financeira, é necessário sermos criativos e trabalharmos com parcerias. Outro desafio é realizar um congresso num território com as características da Região Amazônica que esteja conectado com as demandas do Brasil e dos demais países. Está sendo um desafio gratificante de se enfrentar, principalmente pela diversidade

de pessoas que estão envolvidas na organização e a forte articulação com outras regiões e países.

R.U.: Como foi a construção do tema “Faz escuro, mas cantamos: redes em re-existência nos encontros das águas” e que mensagem ele pretende transmitir?

R.T.: Esse tema faz alusão a uma conjuntura atual, política, econômica, social que nós estamos atravessando. A primeira parte faz alusão à poesia do amazonense Thiago de Mello, ícone da literatura regional. “Faz escuro, mas eu canto”, é uma frase escrita na parede de uma prisão no Rio de Janeiro, onde estava o poeta no tempo da ditadura militar, sendo título de uma poesia e livro. Na verdade, trata-se de uma frase de esperança que, mesmo na adversidade, permite pensar que dias melhores virão, mediante ações de resistência e o protagonismo das pessoas e movimentos (eu canto mesmo diante da opressão da ditadura, nos provoca Thiago de Mello). Na segunda parte, que diz “redes em re-existência nos encontros das águas”, trata-se da Rede UNIDA, que traz os diversos atores com os seus diversos interesses, nesse cenário de forças distintas, porém conectadas, buscando um Brasil melhor, um sistema de saúde melhor, uma democracia revitalizada. E o “encontro das águas” é o ponto de encontro dos diversos participantes, da diversidade e da heterogeneidade das ideias e iniciativas, formando rios diversos. Não podemos esquecer que água é vida, nova vida, vida se refazendo.

R.U.: Qual é o papel da interação entre os

pesquisadores, estudantes, professores, gestores e representantes de movimentos sociais, das áreas da educação e da saúde, no 13º Congresso?

R.T.: A Associação Brasileira Rede UNIDA é uma associação científica de âmbito nacional na área de saúde coletiva e da educação em saúde, que tem presente o aspecto de produção de conhecimento, mas um conhecimento que surge dos profissionais da área de Saúde, da academia, das instituições, dos gestores de Saúde, movimentos sociais e outros. Bem, na organização política e funcional da Rede UNIDA, nós temos eixos de trabalhos que, no caso do Congresso, agruparão as apresentações e debates. Temos o eixo participação social, trabalho, gestão, educação e o eixo saúde fazendo arte. Esses cinco eixos que estruturam o Congresso e a Rede, emergem do cotidiano na saúde e na educação, onde os usuários do sistema de saúde, profissionais, estudantes, docentes, pesquisadores e gestores da saúde terão suas experiências e reflexões ouvidas e debatidas. Nos encontros regionais que estamos realizando antes do congresso, todos os participantes têm voz e vez. Sua manifestação registra seus fazeres e alimenta a organização do Congresso. A partir daí, temos um mosaico de temas e demandas que vão desde a opinião de um membro comunitário até o conhecimento científico de um pesquisador renomado, que serão postos em diálogo, como uma rede de saberes. Todos vão ter seu espaço

conectado entre eles coletivamente.

R.U.: Qual o legado que o 13º Congresso Internacional da Rede UNIDA deixará para os participantes?

R.T.: Ainda é cedo para afirmar algo muito concreto, mas temos a expectativa de que os participantes vejam que a Região Amazônica não é somente o lugar da distância, da dificuldade, da falta de acesso, o lugar das carências e das doenças. Esperamos que esse evento possa deixar nos congressistas a ideia de que a Amazônia também é um lugar de potencialidades, de produção de saúde, de vida, com suas especificidades. Também pretendemos que a reflexão profunda sobre o momento político atual seja capaz de alimentar a esperança, a resistência e a capacidade de produzir iniciativas construtivas no cotidiano da educação e da saúde, para melhorar a saúde de cada brasileiro e para fecundar a democracia. Para terminar, desejamos que os participantes reservem sua participação nesse congresso e desfrutem de tudo o que vai acontecer. Estamos trabalhando muito para que tudo saia bem e que a Amazônia volte no coração e na alma de todos e todas, como um canto capaz de renovar sua disposição para produzir saúde e educação de forma inclusiva e transformadora.